

ÉPOCA DE GRANDES RUTURAS

JUBILEU NA UNIVERSIDADE DO PORTO, 1991*

VICTOR DE SÁ

Não estou aqui para falar de mim, nem rever-me no espelho do passado. Prefiro falar de *nós*, das nossas angústias comuns. E também das nossas justificadas esperanças.

Nesta hora de grandes ruturas históricas, prefiro cantar convosco as primaveras do futuro. De um futuro que, sinto, já começou.

É cruel, ao fim de uma vida, ver ruir o mundo de muitas das minhas e nossas ilusões. Quero dizer-vos, porém, da minha parte não me sinto soterrado pelos estrondosos desabamentos.

A filosofia que me iluminou os caminhos na compreensão da história dá-me o mesmo sentido dialético para a compreensão da vida e do mundo.

Eu vim, como sabeis, da política de resistência para a história. Encontro agora na história os fundamentos para a minha esperança no futuro.

Vivemos numa época desestruturante, é certo.

Estruturas que ao longo do século pareciam perfilar-se para o enquadramento do nosso viver futuro romperam-se e encontram-se em imparável desintegração.

Mas os que não somos escolásticos temos agora oportunidade de ver claro os desajustamentos à realidade. A Guerra Fria tinha-nos obliterado por muitos anos o claro entendimento desses desajustamentos.

Certo é também que, por outro lado, o mito da nova sociedade a que aspirávamos nos ajudou em Portugal, na resistência à ditadura daqui.

Agora, o descalabro dos mitos dói-nos individualmente. Dá-nos a sensação de termos sido enganados por muito tempo.

Mas este período de ruturas representa já, quero acreditar, as dores de parto de uma nova época para a humanidade.

Certo é que as ruturas estão a alargar-se a todo o mundo e a múltiplos aspetos da vida social. Tudo está em questão: desde os sistemas políticos, aos sistemas de educação; nos partidos e nas igrejas; na justiça e no exército; nos conceitos empresariais e nos posicionamentos sindicais; enfim, em todas as formas gregárias da vida, na hierarquia dos valores, na família e nas profissões.

* Texto publicado em: SÁ, Victor de (1994). *Textos para reflexão crítica*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, pp. 95-98. (Cadernos do Centro de Estudos de História Contemporânea de Portugal; 1).

Além disso, estas ruturas verificam-se em todas as latitudes desde a ex-União Soviética, passando pela Europa, pelas Américas e por África, até aos confins do Pacífico.

Tantas ruturas representam outros tantos ajustamentos às novas realidades que o século produziu. São uma fase necessária para o reenquadramento do mundo.

A ciência, a tecnologia e o pensamento crítico rasgaram o caminho ao longo do século para novos horizontes humanísticos. Esta é a minha convicção.

Aliás, não teria havido progressos através dos séculos se as velhas civilizações não tivessem acabado em seu tempo. Fosse a civilização do Egipto Antigo, da China, ou dos Incas, da Grécia ou de Roma. Todas elas se constituíram grandes sistemas, na altura em conformidade com as suas condições tecnológicas de produção.

Mas quando estas se modificaram substancialmente, tais civilizações decaíram e dissolveram-se. Deram lugar a novas formações civilizacionais.

A dissolução dos sistemas é um fenómeno imprescindível para a marcha do progresso.

Na sociedade, se tudo se combinasse com perfeição, de uma vez por todas, é que o mundo teria parado no tempo. Então a vida seria uma chateza intolerável.

A física ensinou-nos, por seu lado, que na natureza nada se cria, tudo se transforma.

Também a vida social é uma espécie de geometria variável, como as galáxias em movimento. Os astros e os planetas parecem invulneráveis, mas na realidade estão em movimento contínuo em fases sucessivas de estruturação e desestruturação.

Será através da compreensão da dialética da vida e da natureza que poderemos ir além das angústias individuais neste mundo de profundas ruturas.

Este regresso à compreensão dialética da vida e da história dá-nos a chave — parece-me a mim — para sobrevivermos à queda dos sistemas petrificados. **Não nos deixemos petrificar nós também.**

Temos de seguir a vida, como a história nos ensina, por abordagens sucessivas à perfeição possível. Nada será absolutamente perfeito nem absolutamente justo.

Vivemos um período dramático, sim, mas ao mesmo tempo genesiaco. Se nos oferece ainda espetáculos de barbárie, também nos surpreende com originais desafios: as grandes potências voltadas para o desarmamento, ou a reconversão das indústrias militares em indústrias de paz.

O mundo hoje já não é o das confrontações agressivas da Guerra Fria. Os progressos tecnológicos foram tantos no nosso século que uma guerra mundial é agora inviável. A bomba atómica não oferece alternativa nem a vencidos nem a hipotéticos vencedores.

Ao equilíbrio do terror, que dominou as décadas da Guerra Fria, sucede agora uma maior preocupação em garantir a paz mundial, em defender a natureza, enfim, respeitar os direitos do homem e a qualidade de vida das populações.

Projetos estes, todos eles muito difíceis de alcançar, e morosos de conseguir. Mas, ainda assim, bem mais aliciantes para mobilizar o empenho das novas gerações.

Hoje compreende-se que o mundo é único e o planeta vulnerável. A competição agora é sobre qual sociedade será a mais livre, a mais democrática e a mais humanista. Um desafio que faz com que se inverta o eixo de luta Leste-Oeste para a cooperação Norte-Sul.

É por isso que em todas as latitudes estamos a assistir às grandes derrocadas produzidas pelo degelo.

Os mitos que dominaram o nosso século estão em queda livre. Seja o mito escolástico do marxismo-leninismo, sejam os mitos agressivos do militarismo, do racismo ou do *apartheid*, seja mesmo o mito do primarismo anticomunista. Tudo isso pertence agora ao passado. Ao passado que marcou a minha e outras gerações.

Para vós, os mais novos, vós estais inocentes quanto aos mitos caducos. Guardai-vos, no entanto, da tentação dos mitos novos, nomeadamente os que já fizeram o seu tempo no século XIX, ainda que agora tentem apresentar-se com novas roupagens.

E, sobretudo, não deixeis que o ceticismo e a indiferença política sequem nos vossos corações as raízes da esperança. Esperança na luta contra a miséria; na busca incansável da justiça; na procura da igualdade, com respeito pelas diferenças.

Vós, as mulheres e os homens novos, não contaminados pelos mitos antigos, sereis vós a construir o homem novo do futuro.

Construí-o com dignidade.

